

"Freedom"
Freedom Press, 127 Cranstoun St
ANNO II Londres - Inglaterra

NUMERO 97

A HORA SOCIAL

Recife, 24 de Dezembro de 1920

Redação e oficinas:

Praça do Carmo 107

Endereço Telegrafico: "HORA"

Int. Inst. Soc. Geschiedenis
Amsterdam

ORGAN DO POVO E PARA O POVO

A tyrania da palavra

O homem é o escravo do sempre. Escravo da sua grei, e, mais mesmo, escravo da consciência dos preconceitos e dos símbolos, tais como, a cruz, a cor da graça da consciência, e, no alquebramento da sua velhice, o velho, o velho e o velho da nova atitude.

Escravidão sublime! que inspira a luta, e promete a vitória. A mais natural farsa da vida e da dominação, o homem e o seu segredo, e o alquebramento da sua velhice, o velho, o velho e o velho da nova atitude.

Escravidão sublime! que inspira a luta, e promete a vitória. A mais natural farsa da vida e da dominação, o homem e o seu segredo, e o alquebramento da sua velhice, o velho, o velho e o velho da nova atitude.

Palavras que devem ser lembradas

Jacques Sadoul, em suas admiráveis notas sobre a Revolução Bolchevique, revela um poder extraordinário de previsão, que ele sabe admiravelmente revestir da graça de um estilo forte e intencional.

Uma carta de 25 de Julho de 1918, é, sem a menor dúvida, o mais sympathico e o mais sincero documento, que se haja escrito sobre as afirmações creadoras dos revolucionarios russos. A convivência dos bolcheviques e o estudo acurado dos seus actos elevaram-na àquella precisão e justiça de conceitos, que, por desgraça, desacompanharam sempre os grandes e inopios representantes da burguezia avida e confusa.

Os periodos que se vão seguir, demonstram a evidencia das nossas afirmações.

todo homem digno deste nome, se deve inclinar com respeito diante da construção admirável empreendida por este grande povo idealista e mystico, ignorante e ingenuo, entusiasta e avido de justiça, que se não pode conhecer nem amar, dominando com toda a sua infinita bondade os barbaros cultos que o insultam e desprezam tolaemente, para alcançar e ultrapassar, em uma rapidez abyssante, o estado de civilização das nações burguezas, para fazer emergir com o seu pensamento, com os seus braços e o seu sangue uma civilização nova de Fraternidade. E' evidente que nenhum ser verdadeiramente humano possa negar o seu concurso, o apoio das suas suas forças e o seu coração, a esses bons obreiros de uma Humanidade mais perfeita.

Esta confluência teve plena razão, lá, deu o Tempo. O inverno russo está consentindo o preparo de novas forças; o inverno das nossas lagrimas e das nossas dores nos deve alentar também.

Quando a primavera russa chegar, animemo-nos, escravos do Occidente, a ir conquistar, com o sangue que a liberta, os nossos obreiros de uma Humanidade mais perfeita.

Versos a um cão

Todos fogem de ti, oh velho cão leproso
Que vives a tossir como um tuberculoso

Pela estrada, sozinho, ao Sol, á chuva, ao frio,
Muitas vezes com sede e estomago vazio,
Tendo no olhar febril, bailando, uma ansiedade
Intinda de morrer..... Odeias a cidade

Onde o luxo dos cães tratados com carinho
Torna inda mais patente o teu viver mesquinho

De pobre cão sem dono, humilde, desgraçado,
Que vive a mendigar um misero boçado.....

.....

Como tu, há também um povo que padeece,
Que nasce na miséria e na miséria cresce,
Sem conhecer na vida um só momento, um só
O que seja PRASER. Até me cansa dó

Vel-o continuamente a trabalhar, coitado,
Sem direitos, sem pão—ETERNO CONDEMNADO—

Escravo da torpesa e da selvageria,
Desto abutre voraz, chamado—BURGUESIA—

.....

Este povo, sois vós, obreiros camaradas.....
Uní-vos, levantai as santas barricadas

A batalha final, contra o monstro tyrano
Que explora o braço, a terra, e o pensamento humano.

Glaudio Santarem

O homem é a realeza eterna contra o que foi, e na realeza do presente elle esboça um indefinido, que no futuro seja um passo mais longe. O futuro é o homem e a sua função inexpressiva e desalentada de para repolição, e a vida, que em si é uma synthese creativa, de effeito se torna causa, fazendo emergir por sua vez todo um mundo de aspectos novos, num de irris caprichoso de invenções.

Instabilidade esplendida, que faz querer bem á vida, que seria o homem numa eterna repetição de si mesmo! As coisas na simplicidade das suas revelações lhe ensinam sempre a mudar, e elle proprio é o filho supremo das transformações. Os seus desejos se fecundam numa ansia incoitada de crescer, e as suas ideias vibram um rythmo cada vez mais forte e mais vivo. Como poderia então o homem se resignar a um passivo esphixtismo?

Eram por esse tempo os 25 de julho, e quantas horras não tinha de afrontar a Democracia Nova. Nem por isso Sadoul confia, as suas palavras são uma sentença linda, que nós devemos archivar nas paginas largas da jurisprudencia revolucionaria.

E' bom de repetir essas palavras quando os abutres ainda se prendem nos arrancos das ultimas tentativas.

Escutai-as bem, camaradas, o inverno russo já vem para dar mais forças á Revolução, para que depois a Humanidade possa solver uma primavera humana mesmo.

«O povo russo, senhor esplendido dos seus destinos, confia... Eu também confio. Não sei até onde irá a sua peritancia. Bem certo que irá muito longe, muito além donde chegam outros povos, que se partiram ainda neste para a conquista do Ideal.

Seja qualquer o premio deste Efforço, e evidente que todo democrata,

Os camaradas russos trabalham para que a sua primavera possa também ser a Primavera da Humanidade. Então o inverno russo ficará como um symbolo emotivo da conquista que se fez, e as nossas lagrimas e as nossas dores, o inverno humano, serão também o symbolo supremo da Victoria Humana.

Não vos incomodeis por uma bandeira, pois que ela não é mais do que tres tiras de pano suspensas na ponte dum pau.

J. Simon.

NATAL RUBRO

A humanidade christi e burguezia comemora no proximo dia 25 o nascimento de Jesus Christo.

E' uma festa eminentemente democratica, dizem: Não contestamos. Por ser isto mesmo é que não tem ella a nossa solidariedade. Aquelles que desconhecem a luta de classe, podem fraternizar nesse dia; nós, não: somos inimigos do Christo Branco, do Christo Borquez, do Christo que tem no papa o seu proenhor na terra e que mercadeja com os direitos das almas, monopolizando o purgatorio.

Não é portanto para nós outros, proletarios, camaradas do Christo Vermelho, o privilegio das boas festas. Boas festas não ha para a familia proletaria, que só conhece desgostos, privação e rixeza.

Em nome do Christo Branco, não presos e maltratados as nossas entes queridos, invadidos e assaltados as nossas miserios lares. Papai Noel não traz brinquedos nem doces para os nossos filhinhos, que, coitados! só tem de festa a má visita e as pavorosas epetas da Fome,—esta bruxa horrivel.

Depois do nosso camarada Christo do syndicato dos Carpinteiros, como todo libertario sincero, não deve ligar toda essa importancia á data do seu natalicio na terra. Poucas saudades deve elle ter deste mundo, onde, accusado de pregar doutrinas subversivas, foi pelos Adolpho Gordo da sua epoca condemnado á mais estagnada morte, soffrendo antes os maiores supplicios e ultrajes.

O nosso camarada, superiormente bem, infinitamente piedoso, chorá inda hoje, lagrimas de sangue, pezaroso de ver tantas familias sem pão e sem esperança, desumanamente sacrificadas á voraz ambição do deus Capital, que tem no Christo Branco o seu aliado mais forte.

A Carestia da vida (DA BATALHA)

Remédios de botica

«Rouba o mercieiro, rouba o mercador, rouba o drogista, rouba o padroeiro, o retrozeiro, o ferragino, o vidraceiro, o taberneiro; rouba o senhorito que aluga o predio, rouba o inquilino que aluga o quarto. Rouba tudo a minha gente. Outra negociavessa: era o governo da vida, hoje rouba-se: é mais produtivo, mais rapido e mais cómodo. Al m dos anseios, os mais maltratados, os mais prejudicados com esta situação tem sido os gatuos profissionais, pela abundancia de concorrentes, que não só os ultrapassam em destreza como ainda se abrigam em situações legais inatacáveis.

Pois mestre boticario acompanhou os seus colegas do comércio: adoptou a mesma tática e, em cada dia faz subir sensivelmente os produtos de seu negocio. O que hoje custa dez, custará vinte amanhã. Tem a gente uma dor de cabeça e vai á farmacia verificar que o preço do piramidon é... piramidal. Ninguém hoje pode estar de perfeita saúde, pela irregularidade funcional provocada pela dieta e que a carestia obriga todos. Mas não se pode igualmente estar doente, porque é preciso juniar dinheiro um ano para comprar se um simples si-napismo.

La', em Portugal, como ca' no Brazil, como em toda parte, o symptoma é o mesmo.

O amor da patria é uma mistificação.

Não, este natal que por ali festejam não é o nosso; o nosso tem outras clariidades e outra significação; é o natal dos opprimidos, dos famintos, dos expoliados; é numa palavra a Revolução Social—o natal rubro, o natal proletario.

Só, então, dar-nos-emos boas-festas e seremos, cordalmente, fraternos.

Muro.

Comités pro "HORA SOCIAL"

REUNIR !

«A Hora Social», órgão que é dos trabalhadores, está em crise. Esta crise, não o sabemos, é symptomatica: revela no alto gráo a crise tremenda em que se acham os trabalhadores.

Mas, é preciso covir: si imprescindivel á manutenção da vida é o pão material, não o é menos o pão espirital, pois que o homem tem a satisfazer outras necessidades que não só as do estomago.

E' «A Hora Social» offerece aos trabalhadores esse alimento de que carecem para o desenvolvimento de sua intelligencia e moralidade.

Não p-de pois morrer «A Hora Social», porque não pólem igualmente morrer o espirito de luta e aancia de progresso que caracterizam o obreiro moderno.

O apellido por nós feito aos libertarios e sympathisantes não foi em vão: a esta reacção tem chegado muitas festas diversas de solidariedade, que nos confortam e animam a proseguir na ingente campanha, em que entrámos resolutamente.

Assim é que já se acham formados tres «comités», assim localizados: «Comité no. 1, no Recife; «comité no. 2, no Cabo; «comité no. 3, em Campo Grande (Recife).

Esses «comités» e os que se forem organizando, deverão entender-se o mais cedo possivel com o «comité» director da «Hora», notificando a sua fundação e comunicando outras providencias postas em pratica em beneficio deste órgão.

Cada memb-o do comité local deve concorrer cada semana com uma quota qualquer, contanto que seja certa. Os membros do «comité» no. 1 resolveram que a quota de cada um delles fosse de 1\$000 por semana.

Essa quota todavia não deve ser fixa, mas de recordo das possibilidades de cada qual, isto é, 100, 200, 300, 1\$000, 2\$000, etc.

Vamos, camaradas, á acção!
Salvemos «A HORA SOCIAL»!

Ricardo José

TRECHO ESCOLHIDO

Na sociedade que pela nossa propriedade procuramos alcançar, a propriedade privada terá desaparecido, e desappareido estará também o principio de autoridade, posto que uma coisa implica a outra. Lutamos pela igualdade, no sentido de abolir-se a casta de exploradores, para que, conseqüentemente, abolida fique a situação de explorado. Lutamos pela justiça, aceitando integralmente o principio de que só tem direito a comer quem trabalha na esfera da sua actividade, salvaguardada a insusceptibilidade física, em todos os seus aspectos. Lutamos pela verdade, procurando elevar a consciencia moral de cada um, tornando impossivel o egoismo, mostrando o vicio na sua desmascarada hediondez, pondo na hipocrisia o manto ignominioso que lhe cobre.

Reção Syndicalista

Syndicato dos
Marceneiros

Convidamos todos os associados especialmente os que se acham em atraso a trazerem suas cadernetas para serem vistas pela comissão.

Obrigados, convidamos os camaradas da "Serraria Construtora", para a próxima reunião.

AVISAMOS aos camaradas, que tenham cuidado com algumas subversões que estão sendo feitas sem nenhuma autorização do sindicato.

Prestem atenção os camaradas incumbidos deste cargo, pois estão sendo lesados.

A COMISSÃO EXECUTIVA.

O governo humano durará sempre a pátria deve acabar.

Diderot

UM APPELO AO
PROLETARIADO

Rio de Janeiro, 1 de Dezembro de 1920.

Aos camaradas Redactores da "Hora Social".

Fraternas saudações

Tendo esta Federação recebido um officio da "FEDERATION INTERNATIONALE DES OUVRIERS DU TRANSPORT" cuja traducção aqui vai inclusa e cujo original fica a disposição de quem quiser verificá-lo, pedimos a publicação do mesmo bem como do seguinte protesto feito por esta federação em sua reunião de 26 do corrente.

"A Federação dos Conductores de Veículos ao tomar conhecimento da comunicação abaixo, protesta veementemente contra mais um dos muitos ignobres atentados praticados

pelo terror branco da Hungria contra o proletariado e a camarada José Glatter pelo crime de socorrer camaradas indigentes.

Apelamos para todos os demais trabalhadores, para a imprensa e para o publico em geral que secunde este nosso protesto para evitar sendo possível, a consumação de mais esse monstruoso crime.

(assin) O Directorio

Com os meus anticipados agradecimentos desejo-os Saude e Evolução Social.

O secretario

Antonio Pinto da Moita

Segue-se o officio acima referido: Federação Internacional dos Operarios em Transportes

Amsterdã, 1 de Novembro de 1920

A's Organizações de Operarios em Transportes e as Organizações de Ferroviarios em todos os paises.

Camaradas

Acabo de receber o telegrama seguinte, assignado pelos membros da directoria da "Central dos Ferro-viarios da Austria".

Pedimos comuniqueis o que se segue a todas as Centraes filiadas e que nos sustenheis, effectivamente neste caso, com a vossa solidariedade internacional.

Nosso collega húngaro José Glatter ex-presidente da Central Húngara dos Conductores de Locomotivas foi condemnado pelo Tribunal Excepcional, ao "enfocamento" por ter soccorrido camaradas indigentes.

Ha algum tempo já, foi José Glatter alçado á rua, do segundo andar de um prédio, por soldados do Almirante Horthy.

Em consequencia dessa queda ficou gravemente ferido.

Nos outros, camaradas austriacos, pedimos-vos em nome da solidariedade profissional, protesteis com insistentia junto aos vossos governos,

afim de que, em nome da humanidade, seja suspensa a execução da sentença.

Apresento-me em levar ao vosso conhecimento o pedido dos nossos camaradas austriacos, e peço vos empreheis na vossa imprensa, dessa prova recente do "terror branco na Hungria", assim como pelas reclamações e protestos junto aos vossos governos, que o governo húngaro seja forçado a reanudar ao seu projecto de aduzir uma nova victimas aos milhares já massacrados.

Solicito-vos portanto que inciteis incontinenti todas as providencias, que vos parecerem realisaveis e uteis, no interesse do nosso camarada húngaro, e que me communicheis tudo o que tiverdes feito em seu favor.

Apresento v e a vós, camaradas, minhas saudações fraternas.

Pela F. I. C. T.

(assin) Edo Fimmen

Secretario

TRIBUNA FERROVIARIA

Aos ferro-viarios
do Nordeste

O trafico acontecimento que teve lugar entre os dois jovens operarios Benjamin e Jehovah deve servir de exemplo para afastar de nosso meio, de nós mesmos essa falta de moral que trazemos de nossos primordios. Não devemos esperar sermos forçados a tomar outro rumo, por circunstâncias imperiosas, se queremos tomar parte no grande banquete para o qual estamos sendo convidados! Tornar-se necessário, imprescindível, começamos a ensinar os princípios: os mentes da civilização; deve-se tomar em atenção, que os poderosos satisfazem-se com essas quedas no elemento operario; a imprensa burguesa viduarizantes; a policia tem ocasião de exercer a sua justiça incumbência; e a Fraternidade, por que tanto clamamos, hoje entrecortada por ser constantemente sacrificada!

Segundo as notícias, esses jovens operarios contando apenas 19 annos, em os quaes os veteranos da luta libertaria depolaram as suas esperanças, acabam de se precipitarem num insondavel abismo, onde não se contraria a mão do interesse politico calcando na balança da justiça, nem e bafejo que inutiliza pelas conveniências, porque ainda estão fora das suas explorações!

No entanto, abriam fundos sulcos de humilhação, na estrada por onde tem de caminhar um velho pai e uma mãe com os olhos lacrimeiros, a via tremula, felizes contradições, pedindo supplicando, um recurso, isto com um; enquanto que o outro, deixa talvez, imersa em profundas saudades uma velha mãe, banhada por uma caudal de lagrimas, pois que alimentava a confiança de não ser envolvida em tres metros de madrastra, por lhe faltar o amparo na hora extrema de sua existência!

Analisemos conscienciosamente esse trafico falo, e havemos ver, que ainda não se cunha de estabelecer-se a Fraternidade! E tanto assim é, que o caso não se passando somente entre os tres, os outros consentiram que a questão chegasse ao azedume, naturalmente para se ver, como nos antigos espectaculos, quem de mais força fisica dispunha, comparando-se as brigas de galo ou de canario, e quando um se tornava em assassino, e o outro tombava sua vida, é que se resolveram intervir, entregando um, e carregando outro já caído!

Operarios! como queremos chegar ao alto, como alcançamos Max-Nordau se decemos do nível da moral que devemos cultivar!

Compretemos, uma vez que não recebemos a educação que devia vir dos dirigentes do paiz, como bem diz Marcel Vieira no seu livro "L'Allegre e

exortações—ensaiar a por nós mesmos. O operario, deve ver em seu companheiro, um irmão do infortunio; dividir com ele as suas alegrias uma vez que o infortunio divide as suas dores! Os muitos callos do homem do trabalho, devem tocar-se no mas nimo do sentimento de simpatia, e nunca tremula de odio. O operario não deve ver no seu companheiro quando maltrapilho, se não uma victimas da exploração capitalistica. A vida do operario, quer pelo lado monetario, quer pela posição que occupa, não tem a estabilidade, enquanto não se fizer sentir o alívio do progresso marcado pela Revolução; e por isso, em lugar das rivalidades sem importância, tratemos de fugir dessas situações que cremos, e que retardam o calor do alicordado! Sol da liberdade, e a vinda da almejada paz entre os homens. Faço minhas as palavras de Almirante Ulpian—Quem a Paz Ensenai-a entre nós, para termos a força de batermos os nossos irmãos com as suas proprias armas.

Algaupaua.

AGORA?

Quando enviámoes as nossas cartas de convite a todos funcionarios Ferroviarios, para que se unissem á associação que se organiza, tivemos como resposta as mais engraçadas evasivas cheias do mais fundo orgulho.

Um disse-nos que estava estudando para bacharel e por isso não podia colligir-se com os outros, não aceitaram, porque não faziam alvo em demorar-se no serviço da Cia., outros eram privados pelo seu credo religioso que se oppunha a todo movimento de resistência; outros, não compreendiam bem o que queríamos, apesar de termos escripto numa lingua escolar; outros, porque confiavam na acção do Governo que bem cuidava dos interesses do povo, sem ser preciso interferencias sociais outros riam-se da nossa insensatez em convidá-los, e outros enlureceram-se pelo nosso atrevimento; sendo que um, nem ao menos se dignou a assignar a resposta.

Porem, não contavam que o Diabo tem uma das mãos furadas! Entregaram-se ao somno de uma absoluta e nãncia, não quiseram abandonar o orgulho que estabelece uma linha divisoria e agora, os Deuses particulares aborrecidos com tantas demarchas de egoismo, tudo confundiram no mesmo plano, alto e baixo!

Quantas vezes esses que se recusaram em aceitar o nosso convite, não commentaram de nós com as mais profundas diatribes, chamando-nos de ignorantes, mal educados, canalhas, etc! Baluçando-se ao impulso das manhas brizas, não sentiam que essas mesmas brizas roiam os punhos das

suas redes de penna! Quando menos esperavam, são bruscamente despertados por uma grave queda: a completa suspensão dos passeios, até mesmo os privilegiados.

Oh Diabo! Como pode isto succeder? Como? Vamos ser obrigados a pagar uma passagem por inteiro, nós futuros bachareis, engenheiros, commerciantes, nobres, futuros homens da politica e da politica? E o que é do nosso direito de ha tantos annos como empregados, pagarmos passagem por metade?

E nós a canilha que ja estamos acostumados a sofrer desses revezes, requeijos os nossos olhos e gritamos: AVE CEZARES! Reuní agora nossos conceitos, cingi as v. ssas frentes com diademas correspondentes aos vossos pergamintos, e agi! O Governo, embora Governo, começa a ver, que não é o desgraçado operario, o imundo, o farrapilho, quem lhe abate os totos de seus orçamentos!

Se estivéssemos unidos, que suble campanha sem paiz nem calhau havíamos de encetar junto aos poderes para rebahevermos o que nos tiram!

O orgulho porem predomina, e agora? Tão abalados quanto a canilha! Realmente confundidos!

EUCLYDES

A MENTIRA

A ultima solução do problema social deve ser: realizar o ideal mais sublime da sociedade. Se os que estão em posições elevadas não querem ser rebaixados, os que estão em baixas condições devem ser elevados e erigidos.

Salomão Ginsburg

A Republica não dá garantias ao dir. ito, nem a liberdade, nem a vida; é um syndicato de oligarchias.

Barata Ribeiro

Em 1889, na França, conta um periodico daquela epocha, que alguns officias de marinha, collocaram em suas camaras, tres quadros muito significativos. O 1.º, representa um cão solto e furioso tendo abaixo a palavra LIBERDADE.

A liberdade,—diz P. Janet, é sagrada; é esse o fundamento do direito. Quem quer que impeça a liberdade de encontro a natureza das cousas.

O homem não podendo ser tratado como um "animal", ninguém pode servir-se dele como coisa; porque em tal caso seria destruir a sua essência

constrangendo ou violentando a sua liberdade.

O cão solto e furioso tomado como emblema da liberdade, está mal figurado; porque quem tem liberdade tem direito e consequentemente deveres.

Somos filhos de uma mesma mãe a Natureza; somos uma só familia, portanto, irmãos; para sermos bons irmãos devemos evitar o egoismo, como diz Silvio Pellico; pois com esse egoismo, não só não damos prazer, como fazemos offerecer aos outros, proporcionando-lhes a miseria e a corrupção.

Esse egoismo, é o que constitue a negação dos deveres de homem a homem; é a fonte da vaidade, sentimento brutal e insolente, inimigo da altivez, justo sentimento que tem o homem de sua dignidade.

E' esse egoismo, essa vaidade, que gera a fatuidade que empolga os espiritos orgulhosos, apazando-lhes no cerebro a consciencia de si próprios, a não ser e alcançarem se ao poder por qualquer meio, e de lá, exercerem toda violencia com o direito da força contra a força do direito onde se apola a LIBERDADE.

E' o que podemos ver no cão solto e furioso. Elle nunca representa a força, de sentinella, a dar alarme, para que o direito não passe. Elle apresenta a liberdade não consentindo que se tenha liberdade.

Se o cão, embora solto, estivesse em posição de calma e attenção, comprehensiva a liberdade villando a liberdade, para que sejam observados os deveres do homem para o homem, mas furioso, representa não a liberdade, sim o direito da força. O cão, é o simbolo da vigilância! Prisioneiro durante o dia, tem liberdade a noite, não para gozál-la, para melhor vigiar os cabedões do seu senhor, e al daquelles que delle se aproxima, porque enfurece-se, e acomete ao temerario ainda mesmo que seja um tr. nsuente. Logo, elle representa a mentira dessa propaganda liberdade. Se temos a liberdade não temos garantias se temos a liberdade não podemos pratical-a.

E' uma das mentiras bem representada pelo 1.º quadro.

No proximo numero falarei sobre o 2.º quadro.

Lacroix.

União Ferroviaria do Nordeste

DEPARTAMENTO DE PALMARES

Para boa ordem desta associação, fuço sciende aos senhores associados que, a bem de seus proprios interesses, deveis guardar com muita importancia o disposto do art. 18 capitulo VI dos nossos Estatutos, que se refere ás quotas mensaes. Precisamos incrementar a nossa associação e sem as

FOLHETIM DOS FERROVIARIOS

IIIV

OS EXPLORADOS
POR ALGAUPAUA

A GUIZA DE PREFACIO

Esses elementos são em diminuto numero, porque, a alma de um povo é bi-corpor: tem a accção, e symboliza da palavra. A marçom os indifferentes a maioria congrega-se, ou na revolta, ou na legalidade de seus inconscientes direitos. Deste lado, amparam-se na lei que rarissimas vezes tem o seu valor entre elles; por isso que é chela de fal as; e daquelle amparam-se na pena de Talão, olho por olho dente por dente. E' o unico poder vital das revoltas, visto que tem nascimento na falencia do direito que a mesma lei estatue, abrindo mãos mais das vezes para proteger um criminoso só porque é ou tem elementos poderosos para impor o silencio ás massas que soffrem.

Não é de agora as distribuições de galardões aos que se curvam voluntariamente. Muitos são forçados a essas curvaturas indignas de um "Clov" que está indisposto a fazer rir um auditorio. O maior numero esta de envolvimento aos seus gananciosos interesses e por elles se batem furiosamente trazendo na vanguarda de seus exercitos o servi egoismo. Fazem o calculo das offereidas a receber, quem monetariamente, quer em posição que o destaga, que o colloque no placido de onde dimanas o poder sobre aquelles que trabalham para elevá-lo. E' a arma favorita dos que planam, dos que desbaratam, quando apparecem elementos que se propõem a escutar a destruição do proprio nucleo a que pertencem; sem ao menos é um intrometido de ultima hora; quasi sempre é um iniciado que conquistou confiança. E' um general que veio da tarimba, por isso que é senhor das manhas dos tarimbadores.

Agora, depois de cheios os alfojes,—com as gratificações que acintosamente exibem, vamos acompanhá-los nos galardões e medalhas que lhe pendem do peito. O tempo se encarregará de mostra-nos o reverso. Os palmpeados augmentam com as pragas que se lhe atira.

A seguir

respectivas quotas nada podemos adjuar.

Francisco dos Santos Filho

DELEGADO

GRANDE FESTIVAL

Foi transferido para o mês de Janeiro do ano próximo vindouro, o espetáculo que devia ter sido realizado em Novembro passado no Theatro Livramento como foi anunciado, em benefício da HORA SOCIAL.

O motivo, foi o corpo scenico que devia tomar parte no dito espectáculo abor-se em férias, assim nos comunicou a directoria que de boa vontade nos sedeu o Theatro.

A Comissão

Os Chauffeurs

Realizou-se em dias da semana ultima, com grande brilho, uma solenidade comemorativa da fundação do Centro dos Chauffeurs.

Nesse mesmo dia foi empregada a nova directoria.

A HORA SOCIAL, correspondendo a um atencioso convite, fez-se representar.

Fizeram votos para que os companheiros Chauffeurs cambiassem um pouco mais para a esquerda, rompendo de vez com a burguesia.

AS NOSSAS LETRAS

A Batalha

Tenho, batalhador, minhas falanges,
Meu exército fiel—hoste sonora!
Tenho lanças, arões, chupões, alifanges,
E espadas que floreo de hora em hora.

Vinde inimigos meus! Tu que mal, tanges
O verso; tu que apóias ao que explora;
Tu que almas simples, num altar, constanges
A adorar sombras fúteis! Vinde agora!

Desfarei, com a razão, vossa impostura;
Refugarei as vossas pantomimas,
Revelarei vossa ambição impura!

Vençer-vos-ei, pedantes e perversos,
Com as trombetas mais das minhas rimas
E os esquadrões cerrados dos meus versos.

José Otília.

Arte e Revolução

O homem vive primeiramente de pão, mas não é só de pão que elle vive; assim pensam os revolucionarios sociais. Mas, em geral, os revolucionarios esquecem o tempo e os recursos mesmo para tarefas mais urgentes e essenciais, para a conquista directa do pão e da liberdade. Em materia de arte são obrigados a contentar-se com a que lhes fornecem as empresas mercantis.

No entanto, a arte, nas formas superiores, é verdadeiramente revolucionaria, mesmo sem tesse preconceito, sem preocupações subversivas, e não sómente por alinar o sentimento, o homem do povo e incapaz de compreender as mais belas obras e reingia-se nos espectáculos mais ordinarios, seguido pelo desdém dos super-homens.

Mas tentai e tentai, sem intentos de seros humanos, essa educação que lhe falta, inculca-o, fazei appo aos melhores sentimentos, explicai-lhe previamente as obras de arte, interessai por elas, afinal-lhe gradualmente o gosto, e ele acudirá ao vosso chamamento e em breve trocárá, deliciado,

os guizados requentados e sebosos pelo mel suavissimo do Himeto. As suas preferencias passadas parecer-lhe-ão abominaveis e vergonhosas.

E tornar-se-á então mais consciente a sua revolta contra a injustiça social, que mergulha a grande maioria na miséria, na abjeção e na ignorancia, proporcionando apenas a uma minoria de privilegiados e parasitas todos os gostos da arte e da ciencia.

Nesse sentido, a civilização moderna colabora toda com os revolucionarios; o divulgar os seus beneficios, seja embora em proporções modestas, é tornar os homens insuflados do jugo, revelando-lhes plenamente a lealdade do existente, — o que, se não é tudo, é um primeiro passo para o desejo de uma transformação social.

«O homem habituado a lavar-se com o que conhece todas as vantagens do asseo corporal—disse um dia Malatesta,—torna-se revolucionario no dia em que não possa comprar sabão».

Neno Vasco.

A nacionalidade é uma ficção absurda e perigosa; a ideia patriótica e a ideia religiosa são suspensões inventadas para conduzir e suar o povo.

Kauterich

Documentos do Progresso

RUSSIA

A primeira communa obreira de Moscovo

(Entre o proletariado russo especialmente entre as mulheres, existe uma profunda repulsa pelos serviços domesticos. Por tal razão é sumamente interessante observar como nas communas obreiras russas, se vão desenvolvendo novas formas de organização social destinadas a substituir os vellos methodos da economia domestica. O seguinte artigo dará ao leitor uma ideia da primeira communa obreira de Moscovo).

No coração da cidade está situada a primeira communa de residencias de Moscovo. Compreheende um grupo de um e 20 casas e 4 ou 5 andares; eram conhecidas antes com o nome de «Casa de Bakhrin» (o dono anterior). Agora tem o sobrinho titulo de «Primeira Communa Obreira de Moscovo».

Nos cômodos da revolução estas casas foram socializadas e entregues ao Syndicato d. p. deiros para sua sede. Por sua vez, estabeleceu a Communa. Todos os departamentos, mesmo os que ficaram de-occupados pelos anteriores inquilinos, estão completamente mobilados. Os inquilinos receberam unicamente os commodos necessários para as famílias respectivas.

Entre commodos foram entregues aos outros trabalhadores e a funcionarios do Soviet. O aluguel é relativamente pequeno e está dividido em proporção entre todos os inquilinos: a qual aqui quer dizer apenas o indispensavel necessario para sobreir os gastos com a manutenção e conservação das casas.

A Communa é dirigida por uma comissão eleita cada seis meses em assembleia de todos os inquilinos. Tomam parte nesta comissão um mechanico, que se encarrega da conservação do prédio, e um medico, que vela pelas condições sanitarias da Communa.

São occupados outros homens encarregados de encontros, como carpinteiros, funileiros, etc, poron nenhuma delles recebe dinheiro.

Existe na Communa uma padaria e um armazem, dependendo este da Liga Municipal de Consumidores. A comissão da Communa está representada em ambas as organizações. Os membros da Communa também recebem cartões que os autoriza a obter manufaturas textis. Tudo isto, roupas, chapões, etc, etc, são distribuidos por meio dos armazens da Liga Municipal de Consumidores. Podem também mandar

concertar roupa, calçados, etc. Ademais, todas as casas tem luz electrica, gaz, podendo também os inquilinos obter provisto de combustivel.

Foi instalada na Communa uma grande lavanderia, onde a roupa branca é cuidadosamente lavada a um preço muito reduzido. Uma cozinha commum, um grande refeitório também commum, são outros aspectos interessantes da organização. As famílias, se o desejam, podem servir-se nos respectivos departamentos. Não é preciso dizer que o bem estar das crianças não foi esquecido. Há lugares especiaes para as crianças como para os grandes. As mulheres trabalhadoras, antes do lar durante o dia não se preocupam com o estado dos seus filhos: sabem que elles estão bem cuidados.

As casas estão situadas no centro de um jardim florido e rodeado com todo o esculpido. Aos domingos dão-se concertos e, algumas vezes, realizam-se festas e pic-nics. Junto ao jardim existe um theatro (chamado «Casa de Pedro Alexievsky») em homenagem ao martyra da Revolução, onde frequentemente se representam e se dão fannos especiaes para as crianças; as reuniões semanais também se realizam neste theatro.

A Communa estabeleceu uma confortável sala de leitura e mantém uma importante biblioteca. Uma club dramatico e musical trabalha activamente. A sala de toda a Communa é, portanto, o elemento communis, que todo estabelecimento elevou ao actual desenvolvimento, e que mantém sempre a solidade e o espirito de auxilio mutuo.

Todos os membros da Communa estão obrigados a manter o asseio e a ordem dentro da Communa. Na primavera, quando os grandes blocos de neve accumulados durante o inverno, começam a derreter-se, compete a todos os membros se ajudarem na limpeza dos sitios.

Enfim, alegremente, tomam elles os instrumentos necessários, e é um verdadeiro prazer observar a gente a rapidez e a boa-vontade com que realizam a tarefa de utilidade commum.

E' realmente bello este espirito de trabalho solidario.

As mulheres na Revolução russa.

(Das memorias do legionario checo M...)

...Lemos avengendo, tudo caminhava bem, os bolchevistas não appareciam em nenhuma parte. De repente fomos surpreendidos por uns disparos de canhão. As bolas passavam muito alto e o tiro era descontinuo: certamente era um neophyto que manobrava o canhão. Eu abeguei a ver que era uma mulher. Aquele pelo fino e leve deu ordem para que se rendesse. Não me obedecia e continuava atirando. Eu não queria atirar uma mulher

com a bayoneta e por isto lhe bati com a coronha da espingarda. Ella tremou poron continuo atirando. Bati-lhe outro com mais força e ella prisioneira. Mais tarde, quando travamos batalha, ella foi a enfermeira dos nossos soldados. Depois do combate elles se reuniram para deliberar o que deviam fazer com esta mulher. Pensavam fazer algo demasiado horrivel para ser expresso em palavras.

Eu lhes disse resolutamente: «Não, rapazes, não o fareis senão passando por cima do meu cadaver».

Ella ficou com nós outros varios dias, porém eu sempre tomei por sua segurança, pois já não podia estar sempre vigiando-a. Conduzi-a então perante o chefe e lhe disse que ella desejava ficar encarregada dos nossos feridos.

Recebi ordem de fazê-la desapparecer do modo mais sumario possível. Chamei então dois soldados e ordenei que se preparassem para conduzi-la até os bosques; elles caminhavam de trás e eu em lugar favoravel dispararia dos tiros de maneira que a elle não supozesse. Disse-lhe que se preparasse, pois devia partir comigo. «Ela sei para onde me querem levar» disse com um sorriso; «se eu quero matar-me». Neguei este proposito e lhe disse que iamoz fazer uma investigação. Conduzi-a através dos bosques, conversando e dizendo que nada temesse.

De repente ouvimos o leve ruido produzido pelo levantamento dos galhos; Ella voltou e com a mesma serenidade me disse, sorrindo: «Ahi está, bom sabia eu que me conduzião a morte». Depois, dirigindo-se aos soldados e descobrindo o peito, gritou:

«Atira! podeis matar-me, mais não podeis matar o meu ideal». Senti-me mortificado e não pude dar ordem de fogo.

Ahi, defronte a mim, estava uma mulher, uma anplabeta, porém a quem a força da convicção transformava em uma santa, e eu... eu eria, estar ajudando o povo russo...

«Voltemos, rapazes. Eu não farei tal coisa!», lhe disse. Voltamos. Levei a mulher para outro regimento, contando o sucedido a um companheiro.

Este pôde dar-lhe fuga para a cidade.

Depois de um certo tempo, nós batemos em retirada: os communistas estavam victoriosos. Casualmente, amparamos retrocedendo, encontrei a mesma mulher na cidade. Ella me reconheceu immediatamente e me disse, sorrindo serenamente: «Não lhe disse eu, aquella vez nos bosques, que o nosso ideal tinha victoriosos?»

Os meus olhos se encheram de lagrimas. E continuamos a retirada.

ITALIA

Cidadãos trabalhadores

A casa é um dos elementos principais da vida civil. A casa deve ser go-

rantida a todas as famílias, a todos os seres humanos.

Pelo contrario, hoje as habitações estão a mercê dum grupo de privilegiados: os proprietarios privados. Devemos sair deste estado de servidão e fazer das casas um «servico publico» como acontece já com a luz e com outros serviços essenciais. Já hoje postos ao beneficio do publico.

Nada temos a esperar da intervenção de ninguém que não seja o proprio inquilino. Portanto, cidadãos e trabalhadores, passemos dos protestos aos factos.

Declaremos as casas propriedade commum, consigamos a expropriação das casas reconduzindo-a a reconhecer os seus actuaes proprietarios privados.

As casas são de toda a comunidade. Em todas as casas ou prédios devem existir os respectivos inquilinos e constituir o «Conselho dos Inquilinos».

Desde esse momento não devem ser reconhecidos nenhuns dos direitos dos actuaes proprietarios. O «Conselho dos Inquilinos» deve encarregar-se de providenciar no sentido da manutenção do prédio, da limpeza, reparações e guarda. Quando o porteiro do prédio não for garantido, pelo respectivo sindicato a respeito da sua solidariedade com os inquilinos, deve ser substituído por outra pessoa escolhida por aquelle Conselho. Aplica-se o mesmo principio a todos os quadros.

Em todos os quarteiros, ruas ou bairros devem reunir-se os representantes de todos os «Conselhos de Inquilinos» para formar o «Conselho das Habitações». Terá este «Conselho» o fim de coordenar as mudanças de habitações, bem como o seu racioamento e justa distribuição.

Todos os inquilinos que quiserem fazer mudanças de casa devem dirigir-se ao mencionado «Conselho». Todas as vezes que vagar uma habitação, deve e é lícito ser communicado ao «Conselho das Habitações» pelo dos inquilinos. Para a mão da obra de reparação e respectivo material poderá ser encarregado também o «Conselho das Habitações» de obter uma unica manobra em cada quarteiro, rua ou bairro.

Para as despesas relativas a manutenção, limpeza e guarda, será criada uma caixa por cada bairro filiada ao «Conselho das Habitações». O «Conselho dos Inquilinos» deverá providenciar no respeitante à cobrança por casa prédio.

Os preços dos alugueis serão reduzidos a metade dos actuaes. Os fundos assim constituidos (alem das despesas de manutenção, limpeza e guarda) deverão ser unicamente utilizados na imediata construção de novos prédios até se conseguir o desengorgamento occasionado pelos sub-alugueis e a fim de providenciar quanto à amplitude dos occupamentos em relação com o numero de componentes de cada família.

Se porventura se tentar obstaculizar de qualquer modo o exercicio deste

Directo dos cidadãos, deverão estes em todas as casas defender-se fechando-se por dentro e preparando-se adequadamente.

«A! obra! Não mais duvidas, nada de hesitar: os senhores já reembolsaram suarriamente as despesas q. e em tempos fizeram e temão há demasios anos aliado o nosso sangue!»

Basta!

As casas devem ser de todos! Cidadãos trabalhadores! Expropriai as casas, restituí-as á comunidade!

Igoe sobre elas as bandeiras da redenção proletaria!

A falta do «opgo» impede-nos de publicar a tradução dum outro manifesto intitulado: Não pagueis a renda das cas!

O communismo na Italia

UM CASO CURIOSO

E tre os casos do communismo sprado que se deu na Italia, merece especial menção o ocorrido nas propriedades do marquês Babi da Jovera. O velho castello do marquês está situado nos arredores de Alexandria; rodeado no exterior jardins e residencias as famílias do aldeão que até agora dependiam do marquês. O movimento comunista iniciou-se poron (entre os aldeões) formado um pedido de mil rias, não o entenderam o marquês digno de respeito.

O pedido dos aldeões chegou aos ouvidos dum grupo de socialistas da Alexandria que aconselharam os trabalhadores rurais a agredirem as terras, para obrigarem o marquês a arrendar-lhes.

Os aldeões tomaram posse das terras e das cemeiras da ultima colheita, amarradas ainda em varias dependencias do castello, e immediatamente encerraram um ultimatum ao proprietario: «Arrendem-nos as terras—diziam elles—e dade-lhes honra a quarta parte das colheitas. Os titulos de propriedade continuão em seu poder».

O marquês pensou em repulsa formosa: mas os aldeões não cederam e, quarenta e oito horas mais tarde, firmou-se um contrato em Alexandria, no qual se determinavam as futuras relações entre os colonos e o proprietario. Até esse momento os rurais viviam um salado de 14 rias, mas ficava não poder com esta quantia prover as suas necessidades.

As mesmas propriedades do marquês de Povera estão hoje sob a administração duma cooperativa operaria. O marquês comprometteu-se a dar um salario nominal aos trabalhadores, durante as épocas intermedias das colheitas.

Estas vendas se dão no mercado com a intervenção da cooperativa e do marquês 75 por cento do produto total serão adjudicados á cooperativa; deita quantia, sendo de duvidas os adiantamentos feitos aos aldeões pelo marquês: os restantes 25 por cento ficam para o proprietario, competido a de laoura, o pagamento da contribuições, o fornecimento do gado, e o abono da família de cada o do gado para as sementeadas.

No momento em que se firmou este contrato, os aldeões arriaram a bandeira vermelha que se hasteara no castello e volveram as suas habituaes occupações, como se nada houvesse sucedido.

